dma
REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA
2014
Anno LXI Mensile
n. 11/12 Novembre/Dicembre
Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
PALAVRAS E GESTOS DE ESPERANÇA

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti
Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino
Colaboradoras
Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Carla Castellino • Piera Cavaglià
Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein
Maria Pia Giudici • Gabriella Imperatore • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Debbie Ponsaran
Maria Rossi • Bernadette Sangma
Martha Séïde
Tradutoras
francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias Áustria - Alemanha
EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL
Instituto Internacional Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma
c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970
Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
lei 662/96 Filial de Roma
n. 11/12 novembro-dezembro de 2014
Tip. Instituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI
ASSOCIADA
UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português

SUMÁRIO

04 ***Editorial*** — Para além do otimismo
Giuseppina Teruggi

05 ***Dossiê*** — *Palavras e gestos de esperança*

Primeiro plano .....

09 ***Espiritualidade Missionária*** — *Corramos com perseverança*

10 ***Alma e direito*** — *Fecundação heteróloga e bom senso*

12 ***Cultura ecológica*** — *Um futuro a ser construído*

13 ***Fio de Ariadne*** — *A resiliência*

Em busca .....

17 ***EJS- Culturas*** — *Uma espiritualidade educativa*

19 ***Pastoralmente*** — *Fora do recinto... com credibilidade*

20 ***Um olhar sobre o mundo*** — *A força da vida*

Comunicar .....

23 ***Faz-se para dizer*** — *Participar*

25 ***Mulheres no contexto*** — *Mulheres que ajudam a curar*

26 ***Vídeo*** — *História de uma ladra de livros*

28 ***Livro*** — *Culpa das estrelas*

29 ***Música*** — *O mundo hip-hop*

31 ***Camilla*** — *Feliz aniversário, Dom Bosco!*

Para além do otimismo

Giuseppina Teruggi

Entre os encontros que tiveram as Capitulares, foi significativo aquele com Mons. José Rodriguez Carballo, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. "Se me perguntarem – afirmou durante a homilia da Missa – se sou otimista sobre o futuro da Vida Consagrada, digo-lhes que não. Mas se me perguntarem se tenho esperança sobre o seu futuro, digo-lhes certamente que sim". O otimismo – revelou – é uma dimensão que se baseia em considerações humanas, enquanto a esperança se enraíza na fé e nos dá a certeza de que para Deus "nada é impossível", por isso "não devemos temer".

A esperança é uma escolha em favor de Deus, não de si mesmos: trata-se de mudar a ótica do protagonismo. A nossa força não está "nos carros e nos cavalos", como diz a Bíblia, mas na força d´Aquele que é Amor e que garantiu "estar conosco para sempre".

Esta visão de fé ampla e profunda sustenta e acompanha os nossos passos em um caminho de confiança e de entrega total. Por isso continuamos a empenhar energias, recursos e a nossa própria vida para cumprir com responsabilidade aquilo que Deus quer de nós. Apesar dos muitos desafios e das inevitáveis falhas.

O tempo em que vivemos nos provoca a entrar nesta perspectiva que, em muitos aspectos, significa ir contra a corrente e colocar-nos em uma alternativa não facilmente compreendida por muitos, mesmo crentes.

E talvez as dúvidas se instalem também dentro de nós!

De Dom Bosco, como de Madre Mazzarello, foi dito que souberam "esperar contra toda a esperança". E não ficaram desiludidos. Procuraram caminhos para educar os jovens à esperança e com a esperança, sustentando que este é um dote fundamental para quem vive com eles.

Educar à esperança é fazer com que o jovem tenha horizontes amplos, que possa apoiar-se numa confiante fé na vida e nos outros, com uma atitude positiva diante da realidade. Educar à esperança é também equipar as novas gerações para a aquisição de uma característica, hoje urgente: a *resiliência,* "a arte de tornar a subir no barco", a capacidade de lidar com as adversidades e obstáculos sem sucumbir.

Papa Francisco indica alguns pilares fundamentais para educar à esperança: não perder a memória do passado, o discernimento do presente, a gestão dos sonhos.

É um percurso não fácil. Paulo VI falava de esperança como "encruzilhada, ponto de encontro entre cruz e alegria". Somos chamadas a ser mulheres de esperança, mais do que mulheres otimistas: fazendo esta escolha consciente todos os dias, mesmo sabendo que "não somos anjos e que, embora tenhamos prometido, vamos cair assim mesmo", lembra-nos M. Angela Vallese.

"O importante é levantar-se e recomeçar, como no princípio".

Na certeza de que "caminhar e esperar são sinônimos", como nos lembra o Papa.

gteruggi@cgfma.org

Palavras e gestos de esperança

Martha Sëide, Julia Arciniegas

Em uma sociedade frequentemente chamada de sociedade "líquida", onde tudo parece ser relativo, sem certezas para o futuro e definida por alguns estudiosos como «a época das paixões tristes», a esperança emerge como um desafio que, "não apenas abre horizontes futuros inesperados, mas também permite um presente diferente" *(cf Spe Salvi, 2-3).*

Um olhar sobre a realidade de hoje, com suas conquistas e decepções, gestos de bem e incoerências existenciais, parece colocar em crise o próprio conceito de esperança. Porém, estes contrastes são fortes apelos a escavar na profundidade da realidade espaços sempre mais abertos à esperança. Podem-se assinalar alguns aspectos entre os mais relevantes: diálogos para uma aproximação entre confissões religiosas diferentes, negociados em vista de uma paz duradoura entre as nações em conflito, esforços sempre mais tenazes para resolver os grandes males que afligem as populações mais frágeis, campanhas midiáticas massivas em favor da vida, conquistas tecnológicas que aproximem mundos diferentes.

Para não cair em um pessimismo ansioso que busque resultados imediatos, perdendo o sentido da espera evangélica, ocorre confiar na 'pequena irmã' que, segundo o poeta francês Charles Péguy, é precisamente *a esperança*.

A 'pequena irmã esperança'

"É ela, esta pequena, que impulsiona para adiante todas as coisas, que vê aquilo que será, ama aquilo que ainda não é e que será no tempo e por toda a eternidade" (Péguy). Certamente tinha razão o poeta porque a esperança não é a virtude dos fortes, mas dos fracos. O fraco, o pequeno sabe que não pode contar apenas com as próprias forças, mas confia em Deus. Realmente, a Bíblia contém muitas páginas que relatam a força da fraqueza transformada pelo poder de Deus. Basta pensar em algumas figuras como Moisés, pouco hábil na condução das discussões; Davi, o último dos filhos de Jessé, ignorado e esquecido, também pelo pai; Ruth, Ester, Judite e outras mulheres frágeis e marginalizadas pela sociedade; Jeremias, jovem gago e tímido; Maria, humilde donzela de Nazaré... Todos experimentaram o amor fiel de Deus que fecundou a sua pequenez, cumprindo a sua promessa, confirmando a certeza da esperança, que nunca decepciona.

Jesus, fonte da nossa esperança

"Cristo Jesus, nossa esperança" (1 Tim 1,1) é a expressão com que Paulo descreve a fonte da esperança cristã. De fato, quando percorremos o Evangelho, percebemos como Jesus se comportava com os homens e as mulheres, que colocavam n´Ele suas pequenas e grandes esperanças. Ao mesmo tempo que respondia às suas perguntas sobre a vida, a libertação, a dignidade, convidava-os à descoberta da Grande Esperança, que encontra pleno cumprimento no mistério pascal.

Na realidade, para compreender a profundidade da experiência de Jesus como fonte de esperança, ocorre contemplá-lo, não somente nos momentos de glória quando fazia milagres e arrastava as multidões, mas, sobretudo quando, no cume da sua paixão, fica só, rejeitado pela terra e estranho ao céu, a ponto de gritar: « Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes? » (Mc 15, 34).

Com o seu grito, Jesus abandonado dá voz a cada um de nós e mostra como o infinitamente pequeno pode dirigir-se ao infinitamente Grande e interrogá-lo, numa relação de paridade.

O Crucificado Ressuscitado, então, é a única Pessoa que pode ensinar aos crentes as vias adequadas para habitar o nosso mundo com esperança. À morte e à ressurreição de Jesus estão ligados e ganham sentido

todos os nossos dramas, as nossas derrotas e as nossas pequenas vitórias (cf CEI, *Trecho da reflexão em preparação à Conferência de Verona,* 2).

O testemunho de Jesus, o Crucificado Ressuscitado, é um convite a aceitá-lo como fonte de esperança e fundamento do compromisso do crente de renovar a vida e o mundo. Em um contexto no qual os horizontes são muitas vezes incertos, como pode a esperança cristã mobilizar as energias espirituais, purificar e orientar as esperanças frágeis, sustentar os momentos de decepção?

A resposta é clara: ocorre dirigir o olhar para o Senhor Crucificado Ressuscitado, a fim de retirar d´Ele novas energias de bem, dinâmicas de transformação que despertem a esperança (cf *Instrumento de Trabalho CGXXIII,* 8).

"A esperança, presente do futuro"

É esta uma significativa expressão de Santo Tomás de Aquino: "A esperança, presente do futuro". No Evangelho, de fato, não está a palavra esperança, porque lá está a realidade: Jesus. As suas palavras e as suas obras anunciam o cumprimento das Escrituras:

o Reino de Deus já está presente, o futuro se torna visível no Verbo feito carne, rosto humano da compaixão e da misericórdia do Pai, para com os pobres e os perdidos.

A teologia da esperança foi desenvolvida por São Paulo, nas suas *Cartas,* colocando em foco o seu fundamento e o seu dinamismo espiritual. Na *Primeira Carta aos Tessalonicenses* (50 d.C.) Paulo assinala as três coordenadas essenciais da vida cristã: *"ela é uma experiência que nasce da fé, manifesta-se no amor e é vivida na esperança"* (cf 1, 2-3).

Na *Carta aos Romanos,* depois de haver descrito a dinâmica da esperança à luz da fé de Abraão (cf. cap. 4), Paulo indica as circunstâncias concretas nas quais o crente vive esta virtude: *"Nós nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não é só isto: nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência é uma virtude comprovada, e a virtude comprovada produz a esperança"* (5, 3-4).

Os sofrimentos do mundo presente são como os gemidos e as dores que preanunciam uma nova vida. Não apenas a humanidade, mas toda a criação se associa a esta espera: "... *Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre até agora em dores de parto"* (cf 8, 19-22).

Juntamente com os gemidos da criação, afirma Paulo, também os crentes gemem na esperança de um mundo novo, diferente, libertado e glorioso: *"Ela* [a criação], *não está só. Mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente esperando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo"* (8, 23-24).

A esperança cristã, todavia, não é uma simples espera passiva, nem cômoda evasão do presente, nem se reduz a um otimismo fácil: é, ao invés, confiante e ativa presença no mundo (Báez 2005).

De fato, o seu fundamento último é o amor de Deus que *"foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado"* (5,5). É o Espírito que *"vem em auxílio da nossa fraqueza e intercede com insistência por nós, com gemidos inexprimíveis"* (*8,26).*

Uma consequência lógica da reflexão de Paulo é sua referência à oração: ela é a expressão de uma esperança sustentada pelo Espírito de Deus, por meio do qual clamamos *"Abbá, Pai"* (8,15).

O augúrio final aos fiéis romanos, e a nós ao longo dos séculos, encerra, como uma pérola, a profundidade e a riqueza do pensamento paulino sobre a esperança: "*O Deus da esperança os cumule de alegria e paz na fé, para que transbordem de esperança na força do Espírito Santo"* (15,13).

A esperança, virtude do educador

Se a esperança cristã consiste em antecipar o futuro apoiando-se numa promessa que não se poderá experimentar de imediato, ela se torna a virtude principal das educadoras e dos educadores.

A educação é de fato a aposta confiante no potencial do educando em um acompanhamento paciente e longo, do qual não se verá o cumprimento, mas apenas a promessa. Nesta perspectiva, investir na educação é um modo concreto de tornar a esperança confiável.

Antes, "educar é em si mesmo um ato de esperança, não apenas porque se educa para construir um futuro, mas, sobretudo "porque o mesmo ato de educar está impregnado de esperança ".

É com esperança que, diariamente, os professores "distribuem o pão da verdade". Educar para a esperança é fazer com que um jovem "tenha horizontes". A memória do passado, o discernimento do presente e a gestão dos sonhos são os pilares para educar à esperança (Card. Bergoglio).

A tarefa educativa torna-se sempre mais difícil e a lentidão do crescimento convida a percorrer o que Nouwen chama a "trilha da espera", ou seja, aguardar com um senso de promessa e com esperança.

Por este motivo, o educador é uma pessoa que sabe dar crédito àquilo que ainda não se vê, como faz o homem do campo, que planta, irriga cuida da semente que nunca mais vê. A esperança do agricultor é ficar à espera.

Como ele, o educador planta e rega cultivando uma autêntica relação com as pessoas que são confiadas à sua responsabilidade e, ao mesmo tempo, cultiva dentro de si os grandes horizontes que o tornam testemunha da esperança.

É por isso que, no cotidiano, ele se empenha em semear palavras e gestos de esperança. Seria desejável que as comunidades educativas se empenhassem em *reler a sua ação educativa à luz da esperança,* identificando os germes, os pecados e os caminhos de esperança para os dias de hoje. Além disso, ocorre *educar para a esperança, mediante a esperança:* despertando a confiança na vida e no outro; desenvolvendo uma atitude positiva diante da realidade; acreditando no potencial do outro e promovendo o seu desenvolvimento.

O esplendor da esperança

Com este título foi publicado recentemente um livro que reúne as reflexões da *"XLIII Semana Nacional da Vida Consagrada", promovida pelo Instituto Teológico para a Vida Religiosa,* com sede em Madri (Espanha) e realizada naquela cidade, no mês de abril de 2014.

Um tema sugestivo que restaura a dimensão escatológica da Vida Consagrada na Igreja, peregrina na história.

Ela nasce, de fato, quando os cristãos começam a esquecer a Parusia, e o Espírito suscita as várias formas de monaquismo, nos primeiros séculos da era cristã.

Um tema que ajuda a integrar a diferença entre a esperança da vida em plenitude e a experiência da precariedade no cotidiano das nossas comunidades.

A riqueza da reflexão, oferecida em várias perspectivas, desdobra-se a partir da contextualização da Vida Consagrada na cultura atual e resulta de grande interesse porque motiva a tornar sempre mais transparente o testemunho das pessoas consagradas chamadas a gerar vida e a dar esperança.

Os nossos fundadores receberam um **"carisma de esperança"** e o viveram com grande audácia e criatividade, entre o 'já e o ainda não', transmitindo-o a nós para que o entreguemos renovado e luminoso às novas gerações de consagrados a Deus, na vida salesiana.

Dom Bosco foi denominado "um profeta de esperança educativa".

A pedagogia do Sistema Preventivo, de fato, conta com os recursos interiores dos jovens e requer do educador um alto percentual de esperança. Dom Bosco, mesmo quando tudo parecia perdido porque algum aluno não correspondia aos cuidados que se lhe prodigalizavam, não tomava nenhuma decisão, esperava sempre. E era este o seu raciocínio: *"Assim como não há terreno ingrato e estéril que, com longa paciência, não se possa finalmente fazer frutificar, assim acontece com o homem, verdadeira terra moral, por mais que seja estéril e relutante, produz não menos, imediatamente ou mais tarde, pensamentos honestos e depois atos virtuosos, quando um educador com ardentes orações acrescenta aos seus esforços a mão de Deus no seu cultivo, para torná-la fecunda e bela. Em cada jovem, mesmo o mais infeliz, há um ponto acessível ao bem. E o primeiro dever do educador é procurar este ponto, esta corda sensível do coração, e tirar proveito dela"* (MB V, 367).

A perspectiva escatológica tem particular peso no Sistema Preventivo: *"Eu os quero felizes aqui e na eternidade".*

O pensamento do paraíso está sempre unido ao empenho operativo, ao amor de Deus, rico de dinamismo e de iniciativas.

Nas mais variadas ocasiões Dom Bosco sempre encorajava os seus filhos com frases cumuladas desta esperança que sustenta o esforço do presente: *"Pão, trabalho, Paraíso"* (MB XII, 600); *"Em ponto de morte o homem colherá o fruto das suas boas obras"* (MB III, 587); *"Um pedaço de Paraíso conserta tudo"* (MB VIII, 444).

Ele quer os seus filhos com o olhar voltado para o céu e os pés solidamente apoiados na terra, em um caminho constelado de boas obras ancoradas na esperança.

"Portanto, coragem! Que a esperança nos sustente, quando a paciência quiser faltar-nos" (MB XII, 458).

Madre Mazzarello, filha dos campos, que cresceu no meio dos vinhedos, sabe muito bem o que significa a esperança.

Em contato com a dureza da terra mornesina, provada pelo rigor das estações bem como pela doença e pela fraqueza física, Main conhece o desejo da espera e aprende a enfrentar cada dificuldade com realismo saudável e com aquela confiança que brota do amor ao seu Senhor.

A coragem recomendada por Dom Bosco encontra-se nas exortações e nas *Cartas* de Madre Mazzarello às filhas, próximas ou distantes, como um *leitmotiv* que desperta e mantém a resposta generosa ao amor.

À comunidade de Borgo San Martino escreve: *"Então coragem, trabalhem de boa vontade por Jesus e estejam tranquilas, pois tudo o que fazem e sofrem lhes será bem pago no Paraíso"* (C 29,5).

A Madre recomenda à Ir. Ângela Vallese, a jovem Irmã, líder da primeira expedição missionária à América, ainda inexperiente e com uma grande responsabilidade diante de uma terra desconhecida: *"Coragem, portanto, e grande confiança em Deus..."* e depois da sua assinatura, ainda acrescenta: *"... façam todas estarem muito alegres e infundam-lhes muita coragem... Coragem, coragem, minhas boas filhas!"* (C 14, 4.6). E à noviça Laura Rodrigues, primeira vocação latino-americana: *"Coragem, portanto, depois de poucos dias de combate, teremos o paraíso para sempre"* (C 15, 3). À Ir. Giovana Borgna, que na época era a vigária da Casa de Montevidéu: *"Que fazer?! Esta vida é uma contínua batalha, e nunca devemos nos cansar se quisermos ganhar o Paraíso. Coragem, portanto"* (C 16, 1).

As citações do Epistolário poderiam continuar, mas as assinaladas são portadoras de alguns elementos constitutivos da esperança cristã que, do ponto de vista educativo, constituem a chamada *"pedagogia do encorajamento"* (M. Parente 1996).

Palavras e gestos de esperança

A nossa história está repleta de testemunhos que encarnaram a virtude teologal da esperança e que, ao longo da vida a semearam com palavras e gestos.

A esperança não se extinguirá

Numa época em que a esperança cristã era considerada como superada com relação às várias utopias que pareciam ter eficácia sobre grande parte da humanidade, Paulo VI dizia: « Nós percebemos na humanidade uma necessidade dolorosa e, em certo sentido, profética de esperança. Sem esperança não se vive [...]. Pois bem, homens amigos que nos escutam: nós somos capazes de dirigir-lhes uma mensagem de esperança [...]. A esperança não se extinguirá » (cf *Audiência,* 27 de maio de 1970).

Nele a esperança estava na encruzilhada, no ponto de encontro de duas realidades: a cruz e a alegria. Para a cruz basta lembrar o típico Crucifixo de Paulo VI e para a alegria não se pode deixar de pensar na sua exortação apostólica *Gaudete in Domino.*

Não deixem que lhes roubem a esperança

Num momento de crise, esta é uma mensagem forte para milhares de jovens e menos jovens, que lutam diariamente em vista de um futuro. A esperança é uma das palavras de ordem do Papa Francisco, palavra que já ecoara no seu magistério precedente, como Cardeal de Buenos Aires.

Em um volume intitulado "A beleza educará o mundo", que reúne vários discursos inéditos pronunciados entre 2008 e 2011, em diversas ocasiões, lê-se: "Precisamos do bálsamo da esperança para ir adiante". Na realidade, caminhar e esperar podem se tornar sinônimos. Colocar-se a caminho significa, assim, entrar em uma "esperança viva", que impele a ir adiante.

Uma luz sobre o Estreito

No Natal, tendo Madre Ângela Vallese voltado a Punta Arenas, em 1º de janeiro de 1894, viaja pelo mar, e se dirige a Talea, ao Norte da região, para lá abrir uma nova Comunidade de Irmãs. Parte com três Irmãs deixando para trás a amada Punta Arenas que, à noite, brilha com muitas janelas acesas. Certamente, com saudades, reflete sobre aquelas tardes intermináveis que passara, furando com uma lanterna a imensa escuridão do mar agitado, à espera de que as companheiras em viagem, voltassem da última expedição ao longo do Estreito de Magalhães. Atrás do vidro da janela, era capaz de ficar por horas imaginando a felicidade de quem estava na incerteza das ondas ao ver aquele pequeno luminar aceso na completa escuridão do horizonte (cf D´Attilio M., *Angela dalla terra del fuoco*).

mseide@yahoo.com; j.arciniegas@cgfma.org

A proposta pastoral dos Irmãos Maristas da região mediterrânea está em plena sintonia com a nossa reflexão e ilustra bem as características do gesto de semear esperança. Trazemos aqui um fragmento.

O GESTO DE SEMEAR ESPERANÇA

É um gesto ATIVO que nos convida a não nos deter. O tempo em que vivemos nos impulsiona à consciência de que chegou a hora e que este é um bom momento. **É um gesto SIMPLES** que nos demonstra que as pequenas ações cotidianas são uma oportunidade para semear e gerar pequenas mudanças que contribuem para melhorar o nosso mundo. Isso implica a nossa constância em nossas ações cotidianas de amor, paz, serviço e justiça. **É um gesto que envolve a VIDA.** Semeamos a fim de que haja entre nós a Nova Vida. Temos esperança de que a semeadura crescerá e dará frutos. Ajudar a crescer, colocar-nos a serviço dos outros e dar prioridade à dignidade humana, são gestos do Evangelho que nos libertam e que nos fazem sentir sempre mais vivos. **É um gesto GRATUITO.** Quando o semeador semeia, nada espera em troca. O importante é semear, mesmo estando consciente de que nem tudo brotará. Dar, doar, compartilhar são ações que não implicam uma condição de retorno. 103103103

Espiritualidade Missionária

« Corramos com perseverança, com o olhar fixo em Jesus »

Maike Loes

Ir. Ângela Vallese ainda hoje nos fala. Vamos ouvir o que ela escreveu da longínqua, fria e imprevisível Patagônia, que se tornou para sempre, a sua "abençoada" pátria do coração.

Ir. Ângela Vallese é uma mulher muito simples, sábia e concreta. Viveu em um ambiente que oferecia mais espinhos que rosas. As suas cartas nos revelam um coração sempre tendendo ao Amor, à busca da perfeição, à meta desejada.

Ama a sua vocação, dom inegociável e iniciativa de Deus. É uma FMA feliz: « Estou sempre muito contente, cada dia mais, por ter-me feito Religiosa de Maria Auxiliadora, e muito mais por ter tido a sorte de vir para a América!».

«Digo-lhes sinceramente que não trocarei a minha sorte nem mesmo com a Rainha mais afortunada do mundo». «E você, reze por mim, a fim de que possa corresponder à minha vocação não apenas de Irmã, mas também de Missionária».

Para Ir. Ângela a vocação à Vida Consagrada é santa e requer coerência de vida: «a fim de que aquilo que digo aos outros eu o faça por primeiro e possa assim corresponder à minha vocação». Deus é o dono da história, e disso tem plena consciência. «Tudo vem das mãos de Deus, que tudo permite para o nosso bem, [...] nas alegrias e nas amarguras, "Deus seja bendito!"».

Compreendeu o sentido da brevidade da vida e do transitório: «Tenhamos coragem, pensemos que a vida é breve». «Neste mundo tudo passa, a vida é apenas um ponto». «Este mundo não é o lugar definitivo, mas de passagem».

Ir. Ângela tem os pés e as mãos no chão, vive verdadeiramente inculturada, com o coração sempre voltado para o Céu: «O nosso coração é feito para Deus e somente n´Ele encontrará repouso». Identificou-se totalmente com a Patagônia como se fosse a sua terra natal.

«Às vezes me perguntam como estou de saúde e eu respondo que pertenço totalmente a Punta Arenas».

Em Ir. Ângela habitava um coração universal: «Estou aqui na América, mas com o pensamento, às vezes vamos à Itália, porém não somos nem da América nem da Itália, a nossa casa está em todos os lugares».

Para ela, o Céu é o prêmio, «onde não nos separaremos mais». Fala com insistência do Paraíso e vive esforçando-se rumo a ele, sem recusar a cruz, antes "as cruzes", porque o Senhor «criou-nos para conhecê-lo, servi-lo, amá-lo e depois gozar dele por toda a eternidade». A cruz deve ser levada com serenidade e paciência.

Não tem medo de reconhecer-se humana. « Não somos anjos, e embora tenhamos feito promessas, cairemos assim mesmo. O importante é levantar-se e começar de novo, como no princípio ». Conhece os próprios limites e afirma: «vamos em frente trabalhando

de boa vontade, fazendo um pouco de bem a estas crianças. Mas, com tudo isso, não faltam as quedas; a frágil natureza nem sempre vence e, às vezes, cede».

O amor de Ir. Ângela para com as Irmãs e os seus *"pobrecitos"* encontra a sua fonte no amor de Jesus. Convida a amá-Lo e a amá-Lo também em seu lugar, porque é imenso o seu desejo de infinito. «O amor é forte como a morte; o amor tudo vence, tudo pode, ama-o um pouco também por mim a fim de que enquanto te digo para amá-Lo eu não fique para trás».

Como Dom Bosco, o seu coração está repleto do *da mihi animas cetera tolle:* «A nossa Missão está crescendo e o bom Deus, depois das provas, nos mandará certamente as consolações, ou seja, a graça de poder salvar muitas almas, antes, todas as almas destes três lugares». «Tenhamos muito cuidado com as crianças e lhes demos muita assistência; é preciso sacrificar alguma coisa para que a assistência seja bem feita».

Ela vive com resignação a Vontade de Deus, não por incapacidade de protagonismo, mas como um ato de fé. «Vejam como Deus prova os seus servos, depois de uma grande alegria vem a amargura. Seja feita, louvada e eternamente exaltada a santa Vontade de Deus ».

O segredo de Ir. Ângela é a vida de oração unida às mãos laboriosas. « Estou contente pois [...] todas trabalham com boa vontade, e que não falte o trabalho. É de se desejar que, ao trabalho se una a oração bem feita, ou seja, a Meditação e as outras práticas de piedade ». Para ela, os sacramentos dão «mais força para vencer as dificuldades».

O espírito de Mornese transplantado para a América por Ir. Ângela Vallese e pelas primeiras Missionárias é ainda hoje o farol de cada uma das nossas comunidades. «A santa Alegria e a Caridade que reinam na casa nos fazem gozar de um Paraíso antecipado». «Na vida Religiosa o trabalho intenso traz alegria e tranquilidade; então, em frente e sempre em frente». «Seja humilde, obediente, respeitosa e confie nos seus superiores». « Sofro porque em casa entrou a soberba: e pensar que Madre Mazzarello era tão humilde! Por que não a imitamos?... Procure ser humilde e verá que tudo irá muito bem ».

Uma FMA que tem **fixo o olhar em Jesus** é capaz de superar "generosamente cada ressentimento e suscetibilidade" (C 53), de construir e reconstruir a fraternidade. «Engolindo amargo e cuspindo doce você verá que a casa caminhará melhor, com mais união e caridade». Ir. Ângela Vallese, mulher simples, sábia, concreta, mulher do essencial!

«Procuremos ser verdadeiras Filhas de Maria Auxiliadora».

maike@cgfma.org

Alma e Direito

Fecundação heteróloga e bom senso

Rosária Elefante

Um dos argumentos mais delicados e discutidos, ao menos para as pessoas de bom senso, no tema da reprodução assistida é o da reprodução heteróloga, que se dá quando a semente masculina ou o óvulo, utilizados para a concepção de uma criança *in vitro*, não pertencem a um dos genitores, mas a um doador externo ao casal. O contrário disso é a fecundação homóloga.

A fecundação heteróloga baseia-se no presumido direito de serem pais mesmo quando a mãe natureza nega esta hipótese.

Os "eventos adversos" são muitíssimos – por exemplo, a troca de embriões – mas todos são etiquetados sob a hipócrita declaração do "obstrucionismo dos católicos".

Na realidade todas as práticas de reprodução heteróloga *in vitro,* mas também a homóloga, requerem cautelas rigorosíssimas, que nada têm a ver com o Credo ou uma Confissão religiosa.

A liberdade de pensamento que anima e sustenta o presumido direito de paternidade, necessariamente encontra limites objetivos e invioláveis no direito do

nascituro que ”deveria”, pelo menos, poder ter a liberdade de saber qual é o seu patrimônio genético na origem, sobretudo por razões ligadas à sua saúde.

É preciso resolver juridicamente, por meio de uma norma de ordem internacional, o conflito entre o interesse ao anonimato dos doadores de gametas, e o interesse do nascido não somente para obter as necessárias informações a este respeito no mapa do genoma dos seus genitores naturais (onde isso se revele indispensável para eventuais diagnósticos e terapias), mas para eventualmente reconhecer nele a própria identidade.

Alegar que a reprodução assistida seja realizada sem qualquer garantia do cumprimento de alguns controles essenciais de relevância pública, significa negar à criança que vai nascer uma série de direitos que, em nível internacional, ao menos na Carta, são reconhecidos e protegidos.

Problemáticas patológicas

É necessário verificar se os casais que têm acesso à reprodução assistida estão adequadamente informados e dão um consentimento válido não negociável, dependendo das situações que irão surgir dali a 9 meses (divórcios, litígios, precariedades várias do casal). É necessário controlar, com a máxima seriedade, a “qualidade” dos gametas, não certamente dos embriões, a serem utilizados na prática, para impedir que, por meio deles, possam transmitir-se ao nascituro patologias de caráter genético e, ao mesmo tempo, é preciso impedir com normas rigorosíssimas que, por meio da reprodução heteróloga, abram-se as portas à eugenética.

Em muitos países do mundo existe a “extravagante” categoria dos “doadores de gametas a pagamento”, ou seja, de espermatozoides ou de óvulos. Não é preciso muito para que sejam descobertas quais e quantas são as problemáticas patológicas que, com frequência, são resultantes desta grotesca e perigosa categoria: Irmãos genéticos que arriscam encontrar-se e enamorar-se, por exemplo. Ou ainda um jovem doador que encontra, depois de aproximadamente vinte anos, uma bela mulher que, pensa, possa ser a mulher da sua vida e descobre, em vez, ser sua filha!

E então? É necessário garantir – e como? – a privacidade da fecundação heteróloga?

É escusado dizer que tal privacidade desaparece no ato do nascimento se, do casal europeu, nasce uma criança com caracteres somáticos tipicamente africanos ou asiáticos.

O nó da questão

E então? O nó da questão não é nem médico nem jurídico, mas simplesmente nasce de um puro egoísmo disfarçado de amor genitor.

Isto não quer ser, absolutamente um insulto aos casais não férteis, muito pelo contrário. A dor, a mortificação, a angústia e a eterna e terrível esperança que acompanham o cotidiano de quem procura um filho, que naturalmente nunca chegará, não podem ser entendidas se não forem vividas pessoalmente. Mas esta condição não deve ser um anestésico pesado capaz de adormecer os futuros pais. Um filho não é apenas aquele que se gera, mas é aquele que se ama e se aprende a amar dia por dia, hora por hora, momento por momento, mesmo se gerado por outros. Considerar os novos direitos da reprodução assistida como direitos fundamentais é perigoso quando não se leva em conta o fato de que são considerados fundamentais também os direitos do nascituro, os direitos da criança que nasceu a partir da fecundação heteróloga.

O bom senso, a lucidez e o amor verdadeiro são as únicas coisas que podem traçar o justo caminho.

rosaria.elefante@virgilio.it

Um futuro a ser construído

Julia Arciniegas - Martha Séïde

O teólogo luterano J. Moltmann, em sua recente *Lectio Magistralis* mostra um relato interessante: "Dois planetas encontram-se no universo. O primeiro pergunta: «Como estás?». O outro responde: «Bastante mal. Estou doente. Tenho o *homo sapiens». O primeiro replica:* «Sinto muito. É uma coisa ruim. Eu também o tive. Porém, consola-te, passa!». E conclui com uma pergunta aberta: Eis a perspectiva nova e planetária para a humanidade: esta doença humana planetária passa porque o gênero humano se autodestrói, ou porque o gênero humano saberá tornar-se sábio e curar as feridas que ele até agora infligiu ao planeta «Terra»?".

Depois de haver revisitado algumas teorias sobre a relação Deus-homem-mundo, A. coloca em evidência a linha da nova Teologia ecológica que apresenta a terra como a nossa "casa": « A humanidade é parte de um universo continuamente em evolução. A nossa casa, a Terra, oferece o espaço vital para uma comunidade de seres vivos, única no seu gênero e multiforme... Proteger a capacidade de vida, a variedade e a beleza da terra é um dever sagrado » (*Carta da Terra 2000*).

Ecologia e bem comum

Para enfrentar a atual crise ecológica torna-se necessário um novo paradigma ecológico sustentado por uma clara concepção do bem comum e dos bens comuns. "O bem comum não consiste na simples soma dos bens particulares de cada sujeito do corpo social. Sendo de todos e de cada um é e permanece comum, porque indivisível e porque somente juntos é possível alcançá-lo, aumentá-lo e mantê-lo também em vista do futuro" (*Compêndio Doutrina Social da Igreja* – CDSC -, 164).

Os bens comuns são os recursos que permitem ao indivíduo exercer o seu direito ao pleno desenvolvimento da pessoa humana. São comuns, pertencem a todos, portanto à comunidade, ninguém pode gabar-se de créditos exclusivos. Eles devem ser administrados pelo princípio da movimentação solidária; incorporam a dimensão do futuro e devem ser governados também em vista dos interesses das gerações que virão.

Neste sentido eles são patrimônio da humanidade e cada um deve ser colocado na condição de utilizá-los e de defendê-los.

Exigências do bem comum

Percebemos a importância de um bem para a sociedade quando há o risco de que um recurso seja subtraído ao usufruto da comunidade de referência. O bem comum requer a promoção integral da pessoa com relação aos seus direitos fundamentais. Tais exigências dizem respeito em primeiro lugar ao empenho pela paz, à salvaguarda do ambiente, à prestação daqueles serviços essenciais das pessoas, em vista do bem comum de toda a humanidade, também para as gerações futuras (cf *CDSC,* 166).

Para responder a estas exigências ocorrem esforços educacionais que privilegiem três coordenadas fundamentais: *participação, partilha, responsabilidade.*

Participar do cuidado da criação é declarar-se a favor da vida, é situar-se ao lado daqueles que se empenham para garantir a sustentabilidade do planeta, é assumir o compromisso: "pensa globalmente, age localmente".

A *partilha* é um gesto de participação, porém, em nível mais profundo, é um ato consciente de envolvimento; é sair de si mesmo num gesto de dar e receber, que enriquece e põe em jogo as diversas competências para o bem de todos.

O senso de *responsabilidade* é o motor do empenho para que as coisas mudem para melhor. Perante o planeta é preciso adotar medidas em nível global para evitar que o ecossistema terra seja consumido e destruído (cf *Cem Mondialità,* junho-julho de 2013, *Dossiê*). O monge zen vietnamita, Tich Nhat Hanh, ao qual, certa vez, foi perguntado o que devemos fazer para salvar o nosso mundo, respondeu: *« Mais do que*

qualquer outra coisa, o que devemos fazer é escutar em nós mesmos o grito da Terra que chora ».

A marca ecológica

Um indicador interessante do impacto que o nosso estilo de vida tem sobre a terra é "a marca ecológica".

De fato, o desenvolvimento é sustentável quando as necessidades das gerações presentes não comprometem a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as próprias necessidades.

A *marca ecológica* põe em relação os estilos de vida de uma população com a "porção do território" (seja ela terra ou água) necessária para produzir de maneira sustentável todos os recursos que consome e para absorver os resíduos.

Se o espaço bioprodutivo exigido for maior do que o que está disponível, podemos razoavelmente dizer que a taxa de consumo não é sustentável.

A marca ecológica já é considerada um ótimo indicador da sustentabilidade dos consumos, mas é um mero instrumento, não a solução dos inúmeros danos ambientais provocados pelo homem.

Recomecemos de nós mesmos, mudando o estilo de vida demasiadamente orientado à produção de resíduos e poluição e transformemos os modelos atuais de consumo em outros capazes de fazer-nos pensar no amanhã sem temores.

(cf.http://www.instituteforthefuture.it)

j.arciniegas@cgfma.org; mseide@yahoo.com

CONTRA **LUZ**

Educar. O melhor investimento para o futuro.

"A sociedade hodierna não encontrará solução ao problema ecológico, se não revisar seriamente o seu estilo de vida. (...). A austeridade, a temperança, a autodisciplina devem modelar a vida de cada dia" (João Paulo II, 1990).

Para construir o futuro, é urgente *educar as jovens gerações à cultura da sustentabilidade,* desde a infância.

Somente assim será possível favorecer uma real mudança nos comportamentos, nas escolhas e nos estilos de vida capazes de criar um futuro melhor, mais rico, saudável e justo para todos.

São muitíssimos os instrumentos disponíveis para professores e alunos oferecidos pela Associação Internacional "Fundo mundial para a natureza" (World Wide Fund for Nature).

Remetemos ao seu site para um confronto e possíveis motivos de inspiração a fim de elaborar um projeto de Educação ambiental

(cf http://www.wwf.it/).

Fio de Ariadne

A resiliência

Maria Rossi

O que é?

Na Circular *em preparação ao Capítulo Geral XXIII* (p. 29), a Madre propôs a *resiliência* como a atitude "de quem aceita a prova como sinal de fidelidade". Várias Irmãs, então, se questionaram sobre o significado do termo. Mas outras pessoas interpeladas sobre o que se entende por *resiliência,* também ficaram intrigadas. Embora nos últimos dez anos o estudo e a busca científica sobre esta realidade se tenham desenvolvido muito e os dados que emergiram sejam de grande interesse, a gente ainda não sabe com clareza. Talvez, dado o contraste com a atual permissividade das múltiplas facilitações, tenha dificuldade para encontrar canais de divulgação.

O termo *resiliência* provém da metalurgia. Nos dicionários é definida *como* "a capacidade de um metal resistir a golpes improvisos, sem se quebrar". Resiliente é o contrário de frágil. "Etimologicamente a palavra resiliência é derivada do latim *resalio,* repetição

de *salio.* Há quem proponha uma ligação sugestiva entre o significado original de *resalio,* que significava também o gesto de voltar sobre a embarcação emborcada pela força do mar, e a atual utilização em campo psicológico: ambos os termos indicam a atitude de ir adiante sem arredar o pé, apesar das dificuldades".

A resiliência é chamada: "a arte de voltar sobre o barco virado".

"Quando a vida emborca o nosso barco, alguns se afogam, outros lutam bravamente para voltar a ficar sobre ele. Os antigos ligavam o gesto de tentar voltar sobre a embarcação virada, com o termo *resalio.* Talvez seja este o nome da qualidade de quem nunca perde a esperança e continua a lutar contra as adversidades; a resiliência, deriva daqui ".

A busca científica no âmbito das neurociências e da psicologia, afirma "com certeza que os seres humanos foram projetados para enfrentar com sucesso as dificuldades e o estresse. E, neste campo, são muito mais fortes do que geralmente se acredita. [...] Descendemos de gente que sobreviveu a uma infinidade de predadores, guerras, carestias, migrações, doenças e catástrofes naturais, e que nos transmitiu os próprios genes".

De onde vem?

A sociedade atual, por meio de uma publicidade maciça, quer fazer acreditar que: usar tal cadeira, assumir homeopatias, suplementos, medicamentos, usar cremes e bálsamos, frequentar ginásios, piscinas, centros de bem-estar, recorrer a especialistas são procedimentos que servem para fazer feliz, eliminar o estresse e superar as dificuldades.

As possibilidades que a sociedade oferece, utilizadas quando necessário, podem ajudar e aliviar.

Desprezá-las poderia ser presunção. Mas acreditar que produzam aquilo que as mentiras da publicidade afirmam, seria uma obtusa ingenuidade.

Nenhum produto, nenhum especialista, nenhum centro de bem-estar pode eliminar o estresse e as dificuldades que a vida apresenta.

É a pessoa que, na consciência de haver recebido uma capacitação básica para enfrentar as dificuldades e o estresse e também para aprender como potencializá-la e a melhorá-la, *pode enfrentar de maneira eficaz os acontecimentos negativos que encontra na vida* e alcançar metas impensadas.

Por sorte, a maior parte dos seres humanos e também das Irmãs, tende a ser resiliente, ou seja, a adaptar-se e a superar as adversidades mais severas.

"Dentre as pessoas diretamente envolvidas nos ataques às Torres Gêmeas, por exemplo, apenas uma pequena parte desenvolveu distúrbios psicológicos graves".

Características da pessoa resiliente

Geralmente, a pessoa resiliente apresenta algumas características psicológicas inconfundíveis.

É otimista e tende a 'ler' os eventos negativos como momentâneos e circunscritos. Epíteto, antigo filósofo grego, já dizia: «Não são os fatos que perturbam os homens, mas os juízos que os homens formulam sobre os fatos».

É a leitura, a interpretação ou a *avaliação cognitiva* dos fatos, isto é, a tendência a ver o meio cheio ou o meio vazio do proverbial copo, que faz a diferença.

Se a pessoa pensa que certo mal-estar dura alguns dias e depois passa, percebe-o mais tolerável pelo fato de acreditar ou de temer que seja permanente e insuperável.

Diante de um obstáculo, de um insucesso, de uma perda, se a pessoa pensa não conseguir ou que o mundo está contra ela, tende a abandonar a situação ou a entrar em depressão; se, ao contrário, interpreta a dificuldade, a perda, como um desafio, tende a continuar no seu intento até vencer ou a ir em frente serenamente valorizando o que lhe resta.

Está comprovado pela pesquisa científica, que a avaliação cognitiva, ou seja, a interpretação do que acontece, tem consequências concretas também no funcionamento fisiológico.

O *placebo,* sendo considerado pelos pacientes como remédio eficaz, geralmente obtém efeitos positivos porque "emoções e pensamentos modificam o funcionamento corpóreo por meio dos assim chamados *neurotrasmettitori ubiquitari"* (24), e o colocam na condição de reagir positivamente.

Acredita possuir uma ampla margem de controle sobre a própria vida e sobre o ambiente.

Se algum acontecimento se volta contra um indivíduo resiliente, este não se sente dependendo de coisas externas, como a desgraça ou a falta de ajuda dos outros, mas dele mesmo. Quem acredita que o seu bem-estar depende dos outros, ou da sorte, ou de quem comanda, ou da sociedade, fica ali esperando que outros o ajudem, que a sorte lhe venha ao encontro, que a sociedade melhore e, então, permanece passivo, dependente, choroso.

Quem, em vez, acredita que o seu sucesso depende dele próprio, o resiliente, sente-se responsável e se põe a agir para encontrar modalidades e meios que lhe consintam chegar aonde deseja chegar.

O desculpar-se por um comportamento inadequado, alegando o fato de estar tratando com pessoas difíceis, é uma tentativa de salvar a própria autoestima, mas não serve para melhorar nada.

É fortemente motivada a alcançar os objetivos que previamente se fixou. A pessoa resiliente, sendo motivada interiormente, ou seja, desejando alcançar

uma meta porque a considera importante para a sua vida, diante das dificuldades e das fadigas, não desiste, mas resiste, tenta todos os caminhos possíveis, espera durante anos, mas chega. Por sua vez, a pessoa que faz escolhas com motivações prevalentemente externas, ou seja, porque assim fazem os amigos ou porque a família a impele ou para se tornar importante ou para fugir de uma situação, diante do cansaço e das dificuldades, geralmente tende a desistir.

Sua tendência é ver as dificuldades e as mudanças como um desafio e uma oportunidade, mais do que como uma ameaça.

O Autor, ao qual me refiro, relata que durante um curso dado por ele, havia observado um participante particularmente capaz de gerir o estresse. Interrogado a que atribuía esta sua capacidade, o interpelado respondeu que seu pai, desde menino, havia lhe ensinado que: "Cada impedimento é um benefício". E aquele provérbio havia se tornado para ele uma atitude constante, um elemento fixo em sua interpretação dos fatos. E, "cada vez que tinha um problema, em vez de focalizar o seu infortúnio ou a infelicidade do seu destino, havia aprendido a entrever um desafio que o tornaria mais forte." E, consequentemente, agia.

Em face das derrotas e das frustrações é capaz, no entanto, de não perder a esperança.

Mesmo a pessoa mais resiliente pode colidir com uma derrota ou com uma objetiva impossibilidade.

Nesses casos é capaz de aceitar razoável e humildemente a impossibilidade e, sem perder a esperança, reajustar o golpe e reencontrar metas adequadas.

É ainda possível?

A atitude resiliente aprende-se, geralmente, em família, nos primeiros anos de vida, quando os pais, confiando nas possibilidades dos filhos, deixam que experimentem dificuldades proporcionadas às suas forças.

Pino Pellegrino, em um artigo no Boletim Salesiano de abril deste ano chama de *"a grande farsa"* a atitude dos pais que dizem: *«Ao meu filho, não deve faltar nada; não queremos que sofra aquilo que nós sofremos...».* E aquilo que dizem, em sua opinião, é a "ladainha insidiosa e envenenada" de uma cultura que tem contagiado os pais da última geração. De qualquer forma, quem teve a infelicidade de ter tido muitas facilidades quando jovem e de não ter sido exercitado para enfrentar as dificuldades como coisa normal, se levar em conta o patrimônio genético que possui, mesmo se com mais esforço, sempre poderá tentar desenvolvê-lo.

Nas nossas comunidades, a maioria das pessoas, embora em níveis diferentes, é decididamente resiliente.

Porém, não faltam também aquelas que acreditam que, para ser como se deveria, seria preciso uma animadora compreensiva, respeitosa, competente; coirmãs boas, intuitivas, educadas; jovens e crianças dispostos, atentos, empenhados. É certo que, com pessoas qualificadas como estas, seria mais fácil viver. Mas a vida, mesmo nos conventos, não é assim.

E esperar que alguém seja compreensivo para sentir-se feliz, seja respeitoso para ser respeitoso também, é fazer depender muito a própria vida dos outros e excluir muitas possibilidades.

Para se viver bem como pessoas adultas conscientes e responsáveis nas comunidades humanas, religiosas ou não, é preciso muita resiliência tanto para as/os jovens como para as/os idosos. Uma/um jovem, consagrada/o ou casada/o, não conseguirá ser ela/ele mesma/o e ser fiel à sua vocação e missão, senão conjugando a força da resiliência com a da graça.

Até mesmo uma pessoa idosa precisa de um suplemento de graça e de resiliência para habitar serenamente a difícil "periferia existencial" da velhice.

Por sorte e por graça, em nossas comunidades e entre as pessoas que conhecemos, não faltam luminosos exemplos de resiliência revestida de santidade alegre, evangélica, salesiana.

rossi_maria@libero.it

Para esta contribuição fiz referência, sobretudo, ao estudo de TRABUCCHI Pietro, *Resisto, portanto sou. Quem são os campeões da resiliência psicológica e como fazem para viver feliz com o estresse*, Corbaccio, Milano 2010, V edição. Os trechos entre aspas se referem a este volume.

hino à vida

PENSE AINDA EM TODA BELEZA
QUE HÁ EM TORNO DE VOCÊ
E SEJA FELIZ

ANNE FRANK

hino à vida

LIMITAR-SE A VIVER
NÃO É O BASTANTE.
HÁ NECESSIDADE
TAMBÉM DO SOL,
DA LIBERDADE
E DE UMA PEQUENA FLOR.

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

hino à vida

A SENSIBILIDADE SABE FAZER-NOS APRECIAR
A BELEZA E A AUTENTICIDADE
DAS COISAS SIMPLES, MAS GRANDES.

ALESSIA S. LORENZI

dma em busca

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

EJS Culturas

Uma espiritualidade educativa

por Mara Borsi

Em nome da educação, a "espiritualidade salesiana" pede a todos os homens e mulheres de boa vontade e às instituições públicas um empenho de promoção da pessoa e de transformação política e cultural.
Escolhendo 'jogar' a nossa esperança na educação, estamos cientes de ser fiéis ao Senhor segundo o coração de Dom Bosco e de Madre Mazzarello.
Acreditamos na eficácia dos meios pobres para a regeneração pessoal e coletiva e confiamos nas energias positivas da pessoa humana como sujeito de regeneração.

Na escola de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, quem vive a espiritualidade salesiana faz da educação a sua paixão, o estilo de sua presença, o instrumento privilegiado de sua ação promocional. Organizamos os nossos recursos em torno da educação. Quem ama a vida e a quer plena e abundante, como a propõe o projeto de Deus, choca-se cotidianamente com diversas situações de morte. Elas inquietam e provocam. Por isso buscam-se remédios eficazes e a colaboração de todas as pessoas animadas da mesma paixão para assegurar as transformações culturais e estruturais necessárias, com uma solidariedade que investe, em primeira instância, naqueles aos quais a vida foi mais violentamente afetada.

Esta exigência perpassa a vida cotidiana de cada cristão que, de modo autêntico, empenha-se no seguimento de Jesus.

O compromisso social e político não é um acréscimo à espiritualidade cristã, é qualidade constitutiva. Podem variar os modos, de acordo com a vocação pessoal e coletiva; a tarefa continua a ser única e indispensável, para qualquer pessoa que confesse Jesus como o Senhor.

Dentro da concretude da história

Dom Bosco agiu movido pela caridade e perseguiu um propósito "político" de modo imparcial, não entrando nas polêmicas do seu tempo. Preparou cidadãos e pessoas responsáveis e por isso trabalhou pela *'res pubblica'* em todos os Países onde se espalhou a sua obra. O mundo foi o lugar da sua missão, na consciência de que o tempo escatológico é um prolongamento do tempo da história.

«Dom Bosco recusou uma ação espiritual desencarnada, expressão de uma fé abstrata, que se desinteressasse pela vida das pessoas em carne e osso.

Foi precisamente a fé que o fez projetar-se na concretude da vida, misturando-se com ela feita de

política, ideologia, economia, sociedade, cultura, educação » (Motto, Exercícios espirituais 2012).

Ele promoveu uma educação humanizante em sentido pleno, que evangeliza, cria as premissas e acompanha o crescimento espiritual, explícito e harmônico.

Papa Francisco reafirma hoje que a Igreja toda não pode prescindir do pulmão da oração e, ao mesmo tempo, «deve-se rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente concorda com as exigências da caridade, para além da lógica da Encarnação» (EG, n. 262).

Uma experiência para todos

A convicção profunda de que a Espiritualidade salesiana é uma proposta adequada a todos se torna evidente no trabalho pastoral com meninos, meninas e adolescentes em situação de risco e pobreza social.

Eu tive a felicidade de trabalhar por dois anos no *Centro Ir. Maria Romero di Estelì,* Nicarágua (2009-2011).

Esta experiência marcou profundamente a minha percepção da eficácia e da atualidade da espiritualidade salesiana que, na relação com pessoas em crescimento, se torna método educativo.

Crianças e adolescentes em situação difícil nem sempre são fáceis de serem tratados e entendidos. Estão habituados a confiarem apenas em si mesmos, a sobreviverem em um mundo de trabalho que os explora, a se carregarem de responsabilidades maiores do que eles mesmos. Diante dessas situações é necessário ter presente a lógica dos pequenos passos e esperar com paciência que o tempo de crescimento faça o seu percurso.

Mudanças impensadas

A experiência de conhecer pessoalmente adolescentes em situação de risco social, de achar tempo para a escuta, de ir ao encontro das suas necessidades básicas como a alimentação, o vestuário e a educação, abre a possibilidade para mudanças impensadas.

Em 2010 iniciou-se, no *Centro,* a experiência do serviço social de voluntariado graças a um grupo de estudantes da Escola Católica *Maria Auxiliadora,* provenientes de famílias abastadas.

Nós, juntamente com as autoridades do Liceu, preparamos os jovens voluntários para trabalharem com as nossas crianças e adolescentes, de modo a antecipar e prevenir os eventuais conflitos relacionais. A experiência foi extremamente positiva para ambas as partes. Os jovens voluntários ficaram maravilhados com as crianças e adolescentes do *Centro Ir. Maria Romero* que se manifestavam contentes com o que recebiam da vida, apesar da pobreza, das dificuldades, dos limites pessoais.

Uma semente de bem

Um jovem do Liceu, ao terminar o seu serviço me disse: « Irmã, veja esta menina: tem apenas um par de sandálias que lhe servem para tudo: para caminhar, ir à escola debaixo da chuva ou do sol... sempre sorridente, conversa comigo com entusiasmo, sempre que chego, encontro-a alegre. Eu, que tenho tudo o que desejo, sapatos, roupas e coisas de todo gênero, não sou capaz de ver um pouco além e de dar sentido à minha vida... Não sei contentar-me com as pequenas coisas ».

As reações dos jovens nos encorajaram como comunidade a compartilhar a riqueza do nosso carisma por meio de atividades simples e formativas, sobre o Sistema Preventivo.

A convicção de que em cada jovem, menino, menina há uma semente de bem, nos fez apostar na capacidade de transformação de cada um dos nossos destinatários.

Aracely Mayorga, Nicarágua

Fora do recinto... com credibilidade

Mara Borsi

"Bom Mestre o que devo fazer para herdar a vida eterna?"
Jesus responde: « Por que me chamas bom? Somente Deus é bom » (Mc 10, 17).

A pergunta diz respeito à vida eterna, porém, na cultura hebraica ela não se refere ao lado de lá, ao paraíso, mas tem a ver com uma vida plena, sensata, que tem uma qualidade tal que não morre.

Eliana Zanoletti, num recente artigo, afirma: «Diante da demanda de vida boa nós, adultos, corremos o risco de ficar embaraçados e mudos: estamos tão desorientados que não sabemos mais o que seja uma vida boa, feliz, realizada, digna».

O jovem do Evangelho dirige-se a um mestre bom para pedir-lhe uma ajuda a fim de não desperdiçar a vida, investir bem nela, fazendo dela algo de bom e belo. Uma pergunta que hoje os jovens continuam a fazer, mesmo se, às vezes, não de maneira direta e explícita.

Podemos perguntar-nos: « Por que o jovem interpela Jesus?». Porque percebe a qualidade da sua vida. A evidência da bondade de Jesus, que transparece das suas palavras, dos seus gestos, do seu modo de olhar as pessoas, legitima a pergunta do jovem, antes, a suscita, com toda a probabilidade.

O jovem talvez nunca houvesse pensado que pudesse existir uma qualidade de vida à qual aspirar, mas aquele rabi de Nazaré, com a sua humanidade, provoca todos a serem bons. A réplica de Jesus é verdadeiramente interessante, imprevista e quase desconcertante, soa como uma reprovação: « Por que me chamas bom? Somente Deus é bom ».

O único bom

A referência a Deus, o único bom, faz o jovem compreender que a bondade de Jesus tem a ver com a bondade de Deus, bebe na fonte do único bom, o Pai.

A fonte da bondade da vida humana de Jesus não vem dele, mas da sua relação com o Pai, que é bom e faz surgir o seu sol sobre todos, sobre os bons e sobre os maus. A esta altura parece evidente que a pergunta sobre a vida boa é uma exigência, poderíamos dizer, "leiga". Toda pessoa deseja uma vida boa. Esta é uma pergunta que, implícita ou explicitamente, todos se fazem a respeito da própria vida. Jesus responde a uma pergunta humana de modo concreto com a sua vida humana.

A resposta "leiga" é a do cotidiano da vida, que se vê realizada em adultos e adultas que são bons. E esta vida boa pode se tornar referência, revelação, reenvio espiritual à fonte da bondade, a Deus.

« A pergunta sobre a vida é leiga, mas é também sempre religiosa, porque contém o anseio a uma fé: a confiança em Alguém que dá a vida e a preserva.

É religiosa a pergunta que tem a ver com a fé na vida. A resposta, quando é verdadeiramente leiga, pode tornar-se também religiosa, quando parte de uma pessoa boa que deixa transparecer a relação com Deus que torna bela a própria vida » (Castegnaro-Dal Piaz-Biemmi 2014).

O caminho

Hoje parece que não há outro caminho para o anúncio do Evangelho aos jovens a não ser o de uma proposta humana que desperte uma abertura ao Único, que esteja à altura do nosso desejo. Os jovens com suas fragilidades são também hoje, assim como em cada época, "capazes de Deus", sensíveis a uma busca espiritual quando encontram pessoas com uma vida boa, habitada pelo Espírito. Além disso, a ação do Espírito de Jesus, não visa a tornar-nos religiosos, mas a humanizar-nos, a dar a forma de vida boa à nossa humanidade, e por isso vida eterna, de Jesus: uma vida de filhos, filhas, de irmãos, irmãs.

Papa Francisco, com o seu magistério feito de gestos e de palavras, está ajudando toda a Igreja a não ficar à janela da história e a orienta concretamente a ser companheira de viagem, pronta a colocar à disposição o dom do Evangelho, mas também a recebê-lo das pessoas de hoje, crentes ou menos crentes.

Os jovens estão particularmente atentos àqueles que, com a própria existência, afirmam que vale a pena viver e doar-se para construir comunhão. É a falta de desejo que paralisa a existência até fazer desejar tolhê-la. Outra questão fundamental a ser abordada hoje é educar **ao** desejo e, juntamente, educar **o** desejo que, abandonado a si mesmo, pode ser irreal ou achatar os simples desejos.

Suscitar, gerar, despertar

Os jovens, hoje, não são mais incrédulos do que ontem e nem mesmo mais superficiais. A crise de comunicação da fé remete a toda a comunidade cristã, pois ninguém está excluído, e aponta para um renovado empenho de escuta do Evangelho. Hoje a Pastoral Juvenil parece ser chamada a se renovar no sentido de suscitar, gerar, despertar a vida em todas as suas dimensões: física, intelectual, afetiva, espiritual. O distintivo de cada comunidade cristã é marcar presença nos lugares onde a vida se mostre precária, ameaçada; é estar próximo daqueles e daquelas que sofrem, daqueles que a história marginaliza ou exclui e ali, em torno "dos descartados", suscitar uma dinâmica de solidariedade.

Para uma multidão de jovens, mulheres e homens, as expressões culturais da fé cristã são incompreensíveis.

É possível uma nova abordagem a partir das palavras e dos gestos de solidariedade, aproximação, ternura e compaixão.

É neste terreno que entra em jogo o futuro de muitas comunidades cristãs. É importante sair dos recintos eclesiais, mas isto não basta, faz-se necessária uma relação renovada com Jesus que impulsione à saída, não se acreditando detentores e detentoras da verdade, mas portadores e portadoras de um dom que é oferecido, com respeito e simpatia, para dirimir as dúvidas e as dificuldades de quem conta conosco.

mara@cgfma.org

Um olhar sobre o mundo

A força da vida

Anna Rita Cristaino

Chegando ao aeroporto do Brasil, encontra-se escrito um letreiro de boas-vindas... *Brasil: o país de todos.*

De fato, a grandeza geográfica da Nação acolhe uma multiplicidade de populações e etnias: desde os povos indígenas que moram nas regiões amazônicas, aos descendentes dos portugueses e dos antigos colonizadores, aos africanos que chegaram como escravos no período colonial, até o grande número de imigrantes que, décadas após décadas ocuparam zonas bem definidas do País.

Rio de Janeiro e São Paulo são as duas cidades mais populosas da Nação.

Uma multidão de gente, indivíduos que, com suas histórias únicas de vida, constituem toda esta humanidade. Histórias particulares, originais, inéditas.

Eis porque é lindo olhar o mundo com os olhos de quem o habita, de quem passa a vida nas estradas deste planeta, e com o próprio ser contribui para criar algo de novo. Pessoas que se encontram imergindo-se completamente na realidade, com todas as suas contradições. A história de um País talvez possa ser mais bem compreendida, observando a vida cotidiana – a vida comum – de homens e mulheres que diariamente lutam pelos próprios direitos, resistem aos assédios para defender a própria dignidade e, com coragem, escolher não ter mais medo.

Em Belford Roxo, cidade dormitório para muitos que trabalham no Rio de Janeiro, encontramos Aloà que nos contou a sua história: « Meu pai, infelizmente, tem problemas com o álcool. Não tenho muito contato com ele. As minhas irmãs são todas mais velhas. Moro sozinha com minha mãe que, sem a ajuda de ninguém, reformou a nossa casa. Ela me apoia muito, sustenta os meus estudos e me dá a sua ajuda em tudo o que faço ».

Para as Filhas de Maria Auxiliadora, *inserir-se* é uma escolha pastoral que comporta viver e trabalhar em uma Comunidade fazendo parte dela: aproximando-se, conhecendo-a e compartilhando com coragem sua vida cotidiana, seus problemas, seus progressos sociais e culturais. Em Belford Roxo está presente uma *Comunidade Inserida* das FMA, que leva em frente a obra social *"Crescendo Juntos*". Aloà começou a participar do projeto aos nove anos de idade: « E foi ali que a minha vida mudou. Tudo começou quando conheci as Irmãs, que iam pelas ruas, convidando as crianças do bairro para brincar ».

Ao lado dos jovens

Aloà sempre gostou de dançar e demonstrava dotes incomuns. Com a idade de dez anos foi-lhe dada a possibilidade de estudar dança, em vista de uma profissão. Ela mesma relata: « Comecei a estudar incentivada pelas Irmãs, pois, sentia-me insegura. Hoje frequento o primeiro ano de um curso para professores de Educação Física. O que espero e desejo é ter um espaço onde eu possa ensinar dança; não somente para as crianças e os adolescentes que podem pagar, mas também para os demais. As crianças têm poucas oportunidades e eu gostaria de poder ajudá-las por meio deste projeto ».

Em Belford Roxo as FMA trabalham em quase todos os ambientes da vida cotidiana do povo, dando sua presença materna e prestando o seu serviço como Igreja. Têm projetos de promoção humana e cultural voltados aos mais jovens e às famílias, em estreita colaboração com as instituições locais; e projetos de evangelização em comunhão com a Igreja local e as *Comunidades Eclesiais de Base.*

Aloà falando das FMA diz: « Graças às Irmãs, que sempre estão ao lado de nós jovens, mostrando-nos um caminho de fé, nós não nos perdemos. Elas nos incentivam a percorrer um caminho de fé e nos ajudam, esclarecendo nossas dúvidas. São verdadeiras amigas que caminham conosco ».

A presença das FMA é muito ativa neste projeto *"Crescendo Juntos".* Um projeto sócio-educativo que abrange cerca de 130 crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos, inclui oficinas culturais, de pedagogia, jogos e esportes. Assim dizem as FMA da Comunidade de Belford Roxo: «Basta que sejam jovens em dificuldade, que sejam pobres, que não tenham oportunidades culturais, com tempo livre, que aqui são acolhidos».

Problemas diferentes

Diadema, por sua vez, é uma cidade que faz parte da Grande São Paulo. As FMA têm uma Comunidade de três Irmãs que compartilham a vida e a fé com as pessoas do bairro. Aqui conhecemos Viviane, uma jovem de 20 anos que sempre viveu com a mãe, as três irmãs, a avó e o padrasto. A presença deste último, alcoolizado e sempre hostil com a enteada, não favoreceu um clima de serenidade na família. Ela mesma conta: « Quando eu era pequena ele me agredia e, algumas vezes, chegava a me bater. Minha mãe não estava de acordo, mas não podia intervir. Vovó estava sempre pronta a nos ajudar, a nos dar um apoio, mas não interferia. No início, quando eu ainda era muito pequena, sentia-me sozinha, pensava sempre que o centro das brigas fosse eu. E pensava ser a única culpada». Para Viviane, com a chegada da adolescência, tomam lugar problemas diferentes, que ela lembra com amargura: « Havia um cômodo vazio com os brinquedos. Com muito esforço convenci minha mãe que deixasse eu e minha irmã dormirmos naquele cômodo, porque eu sempre sonhara em ter um quarto só para mim. Depois de algum tempo que dormíamos naquele quarto, certa noite percebi que ele estava sentado ao lado do meu leito somente com a roupa íntima e procurava tocar-me com a mão. Eu me mexi e

ele ficou paralisado. Voltou para o seu quarto. O meu quarto ficava ao lado do quarto dele. Daquela noite em diante não conseguia mais dormir, tinha medo de que ele entrasse de novo e tentasse fazer alguma coisa comigo. E ele tentou.

Nos dias que se seguiram, eu sentia medo: não sabia se devia contar a alguém o que havia acontecido ou se era melhor ficar calada. Não sabia: se falasse poderia piorar a situação com minha mãe, porque naquele momento, eu e minha mãe não nos falávamos muito, não nos entendíamos, brigávamos com frequência ».

Mas, certo dia o padrasto brigou com sua mãe e ela, já adolescente, interferiu em defesa da mãe. O homem a intimida e a obriga a ir embora e a não voltar mais para casa. Ele estava armado com um revólver e ameaçava matá-la.

« Quando disse que chamaria a polícia, continua Viviane, ele tomou o telefone sem fio e o jogou por terra, quebrando-o. Começou a dizer-me para sair de casa e que se eu não deixasse a casa naquele mesmo dia ele me mataria.

A partir daquele momento, minha mãe começou a sentir muito mais medo dele. Quando saía para trabalhar, minha mãe não sabia o que fazer. Procurou muitas pessoas, pedindo que me acolhessem em suas casas. Falou, finalmente, com a Comunidade das FMA que, imediatamente, me acolheu em sua casa, com a condição de que minha mãe achasse um modo de enfrentar meu padrasto, pois ele não podia mandar embora de casa, uma filha que ainda era menor ».

Com o apoio da Comunidade das Irmãs, a mãe de Viviane encontrou coragem para denunciar (ao Conselho Tutelar) tudo quanto havia acontecido em sua casa, buscando justiça para sua filha.

Repensando o que vivera, Viviane disse: «Estranhamente não experimento nenhum ódio. Não sinto raiva; nada sinto. Somente não quero ficar ao lado dele. No período em que estive com as Irmãs aprendi muitas coisas. Tenho uma Comunidade Cristã que me sustenta continuamente: digo sempre que tenho uma família maravilhosa e grandiosa; nos momentos de dificuldade sempre ficou comigo.

Hoje, em casa, o clima é melhor. Para o futuro, penso em me casar, construir uma família e ter filhos ».

Viviane e sua mãe foram apoiadas e sustentadas não somente pelas Irmãs, mas também pelas outras pessoas que pertencem à Comunidade Eclesial de Base, uma Comunidade constituída há 24 anos e que conserva o sentido de pertença e de fraternidade entre os seus membros.

Ir. Maria, Ir. Iracema, Ir. Manoracy vivem no bairro há muitos anos. Conhecem as famílias, suas histórias, suas alegrias e sofrimentos. Acompanharam, sustentaram na fé, no cuidado dos seus direitos e da sua dignidade, gerações de jovens. O seu testemunho é o de uma Vida Consagrada que manifesta sua plenitude tornando-se realização do Evangelho e escola de imensa humanidade.

arcristaino@cgfma.org

dma comunicar:

informações, notícias e novidades do mundo da mídia

Participar

Patrizia Bertagnini

Participar – que significa, ao mesmo tempo, tomar parte e fazer parte – fundamentalmente contém em si a ideia de uma troca. Consegue a rede garantir a sua subsistência?

A questão da participação – porque não se trata apenas de recurso, mas de verdadeira criticidade – implica uma ação cultural que tem como escopo a formação de uma consciência individual e coletiva mais ciente do seu potencial, do benefício que lhe deriva do contágio com o que é de todos, da urgência de uma efetiva descentralização.

Participar, neste sentido, torna-se uma oportunidade concreta de dividir com equidade o poder (ou seja, o serviço) e de valorizar os impulsos agregadores que provêm da base, sem esquecer que desenvolver o debate sobre os objetivos e as modalidades das dinâmicas participativas, não garante por si só um apoio real à participação.

O exemplo da Rede

Nestes últimos anos assistiu-se ao desenvolvimento de movimentos de protesto e de reivindicação que envolveram amplos componentes da sociedade; sobretudo as novas mídias, a Rede, a web, as redes sociais, como o Facebook e o Twiter, subtraíram o controle e a gestão da comunicação e favoreceram novas formas de participação inovando as tradicionais. Com o advento da web 2.0, além disso, foram realizadas transformações, ainda mais fortes, das formas de relação entre as pessoas. Na web 2.0 a interação entre quem pública informações e quem recebe, tornou-se 'viva'.

Partidos políticos, grupos sociais, instituições eclesiais tiveram de confrontar-se com estas novas formas de comunicação e de busca de consenso; embora encontrar consenso para as próprias propostas continue sendo o objetivo de tais assuntos, as modalidades com as quais se procura alcançar este objetivo estão mudadas e ocorre levar em conta os pedidos do povo que, sempre mais, reivindica o abandono de linguagens herméticas e de atitudes distantes da vida real.

Todavia, embora pareça paradoxal, a atual estrutura da web 2.0 tem pouco de participativa; as redes sociais na sua forma atual, inclinada aos interresses econômicos das corporações proprietárias, estão longe de ser sociais: a maior parte dos conteúdos produzidos nas plataformas, como o Facebook, são visualizados somente pelo círculo restrito de contatos, tendencialmente homogêneos. Nas redes sociais contemporâneas, além disso, não existe o espaço do dissenso: no Facebook, por exemplo, não existe a chave "não me agrada", e as possibilidades de expressar um parecer são somente duas: ou gostar ou ignorar. *Assim o pensamento único se impõe mortificando qualquer ambição participativa.*

Participar é estar realmente unidos

Transferir o conceito de participação para a vida da Igreja que, por natureza, é uma instituição hierárquica, não é simples. Contudo, além das reais possibilidades de sentir-se parte viva da comunhão eclesial e de assumir em primeira pessoa o encargo, o magistério do Papa Francisco invoca a responsabilidade a que cada cristão é chamado: « Enquanto no mundo, especialmente em alguns Países, reaparecem diversas formas de guerra e confrontos, nós cristãos insistimos na proposta de reconhecer o outro, curar as feridas, construir pontes, estreitar relações e ajudar-nos «a carregar os pesos uns dos outros» (*Gal 6, 2)...*

Desta forma manifesta-se a sede de participação de numerosos cidadãos que querem ser construtores do progresso social e cultural » (*Evangelii Gaudium, 67*).

Na experiência de vida cristã, *tomar parte* ou *participar* não se faz apenas em nível verbal; não se trata somente de dizer com liberdade o que se pensa – para isto basta uma simples caixa de ressonância como frequentemente é a Rede – mas de pensar

com espírito de liberdade, o que se diz; ocorre ser em primeira pessoa caixas de ressonância que, assumindo o cuidado dos irmãos, transformam as comunidades em verdadeiras oficinas de participação.

suorpa@gmail.com

Social, mas não muito

Na Wikipédia circula um elenco de redes sociais emergentes (cerca de 206), cada uma com as suas características e o seu público de referência, que se colocam como "alternativas" no Facebook. Eis algumas... a serem mantidas sob observação porque estão se difundindo entre os adolescentes...

SOBRR, aqui as amizades duram 24 horas, salvo decisão em contrário;

SECRET, um app feito de mensagens anônimas (não é exigido o nickname), que permite desabafar-se, bisbilhotar, confiar sem precisar sair falando;

OoVoo, um app (disponível no Facebook) que apoia conversas em grupo – com vídeo, voz e mensagens – de até 12 participantes. É gratuita e os mais jovens a usam para fofocar e para estudar e fazer as tarefas de modo coletivo;

SHOTS, é para os apaixonados dos "selfie". Permite tirar e compartilhar fotos e, também, postar conversas (públicas e privadas) feitas somente de imagens e legendas.

PHEED, é uma inovação no mundo das *redes sociais:* aqui os *posts* são a pagamento. Podem-se criar textos, vídeos, músicas ou outro tipo de dados e depois pedir aos usuários para pagar um abono para inscrever-se e ler os *posts*.

Mulheres que ajudam a curar

Debbie Ponsaran

A Igreja dá uma grande importância ao papel da mulher na sociedade de hoje. Simplesmente, não se pode construir a cultura da vida sem a contribuição das mulheres. Papa João Paulo II havia dito: « Ocorre industriar-se convictamente para que seja aberto o mais amplo espaço às mulheres em todos os âmbitos da cultura, da economia, da política e até mesmo da vida eclesial, de modo que a convivência humana inteira fique sempre mais enriquecida com os dons próprios da masculinidade e da feminilidade » (Angelus, 23/07/1995).

Segundo o Global Gender Gap Index 2013 elaborado pelo World Economic Forum (O índice global da paridade de gênero – Forum Econômico Mundial) em muitos países há um progresso no reconhecimento da contribuição das mulheres e, dentre os cinco primeiros estão a Islândia, a Finlândia, a Noruega, a Suiça e as Filipinas. No prefácio do relatório lê-se: "Os países e as empresas são capazes de competir somente quando conseguem desenvolver, atrair e cultivar os melhores talentos, tanto masculinos quanto femininos".

A energia arquetípica da mãe

O feminino é a matriz da criação. Deus deu à mulher o dom da maternidade. Ela participa do maior mistério: o desabrochar da vida, e aprende no processo a esperar, a escutar, a acolher.

A atitude materna favorece a construção de comunidades unidas, a favor da vida. É a influência materna que promove a unidade nas famílias e é o princípio da paz em toda a família humana.

Quanto bem poderia ser feito se nas negociações de paz, nos países em conflito, as mulheres fossem envolvidas em nível de decisão!

As mulheres estão dispostas a antepor as necessidades dos outros às próprias. As mulheres cuidam dos outros e se alegram com o sucesso dos seus entes queridos; sentem-se culpadas e até mesmo se deprimem quando o seu comportamento se opõe a estas normas (Gilligan 1982).

Em um estudo feito pelo *"Science Daily",* os pesquisadores do MIT, Carnegie Mellon University e Union College, estudando o nível de inteligência coletiva nos grupos, descobriram que os grupos que envolvem mais mulheres demonstram uma maior "sensibilidade social" – a capacidade de perceber os sentimentos dos outros membros – e, portanto são mais competentes em tarefas complexas. Ao contemplar Maria, experimentamos a plenitude da maternidade que não só se baseia na lógica, mas também na intuição, na racionalidade e na fé. A maternidade da Igreja e a maternidade espiritual encontram em Maria um exemplo perfeito a ser imitado em primeiro lugar por ser ela a Mãe de Deus.

Curar o mundo

Os grandes progressos realizados por mulheres profissionalmente e culturalmente tornam o "gênio feminino" catalisador da mudança social.

O "Global Sisters Report" (globalsistersreport.org) é um site dedicado a notícias e informações sobre as Religiosas católicas e suas missões, que colocam em evidência, sobretudo, os temas da paz, a integridade da criação, a igualdade, a migração e o tráfico das pessoas. Ir. Susan Rose François publicou um artigo no site e afirma: « Há muito sofrimento no mundo provocado pelo homem... Há também muita bondade promovida pelo homem... Sinto-me mais entusiasmada pela capacidade das pequenas comunidades religiosas, com a partilha dos seus carismas e uma maior liberdade de movimento, de responder às exigências da comunidade mundial. Talvez Deus nos convide a ser essencialmente fermento na massa ».

A "Women´s International League for Peace and Freedom" (Liga Internacional das Mulheres pela Paz e Liberdade: www.wilp-finternational.org) é uma das mais antigas organizações de mulheres do mundo a favor da paz. Foi fundada em 1915 por mil e trezentas mulheres provenientes da Europa e da América do Norte, que se posicionaram contra a guerra iminente, que veio a ser a primeira guerra mundial. O grupo está envolvido no trabalho pela paz, há muito tempo.

A "Medica Mondiale" (www.medicamondiale.org) é uma organização feminina não governamental com

sede na Alemanha. Assiste as mulheres e as jovens nas zonas de guerra e crise.

O seu apoio à cultura da vida ficou claramente evidenciado nas suas palavras ditas durante a crise do Kosovo: "Vivemos a guerra. Sabemos o que quer dizer experimentar a hostilidade, chorar e sentir raiva. Compreendemos que o desejo de vingança é forte, mas sabemos que devemos vencê-lo em nós. Sabemos que uma resposta violenta pode trazer mais violência e não a justiça ". A "Nobel Women´s Initiative" (nobelwomensinitiative.org) foi fundada em 2006 por seis mulheres que foram vencedoras do Prêmio Nobel da Paz e, em seguida, outras mulheres vencedoras se inscreveram para a iniciativa das "Mulheres Nobel", que representa um mundo transformado, um mundo de segurança, de não violência, de igualdade e de bem-estar para todos".

O rosto materno de Deus

Há muitos anos, o famoso compositor de canções litúrgicas católicas, Dan Schutte, escreveu uma canção intitulada "Deus de Amor". Uma frase da canção tocou-me desde a primeira vez que a escutei: "Todos aqueles que amam nasceram de Deus, nosso Criador e nossa Mãe".

A Bíblia está cheia de imagens que exprimem a dimensão "materna" de Deus. Em Isaías 42, no versículo 14, lê-se: "Agora gritarei como uma mulher em parto, eu me afligirei e ficarei ofegante". No Salmo 131: "Fico quieto e sereno como uma criança desmamada no braço de sua mãe; como uma criança desmamada, está em mim a minha alma". Em Oséias (11, 3-4) Deus sustenta Israel como uma mãe cuida do próprio filho.

debbieponsaran@cgfma.org

Vídeo

A HISTÓRIA DE UMA LADRA DE LIVROS

de Brian Percival, Estados Unidos 2013

Mariolina Parentaler

Dirigido pelo pluripremiado diretor Brian Percival, o filme relata uma história comovente e rica de emoções, ambientada na Alemanha da Segunda Guerra Mundial. O diretor inglês inspira-se no volumoso romance: "A jovem que salvava os livros", um best seller internacional com 8 milhões de cópias, do australiano Markus Zusak, cujas obras lhe mereceram uma infinidade de prêmios.

Recebeu o aplauso da crítica e continua presente nas classificações dos leitores de muitos países do mundo.

Brian cria, a partir dele, um filme soberbo, com interpretações magistrais de atores já famosos ou apenas emergentes, como a garota de doze anos Sophie Nelisse, intérprete da encantadora 'Ladra de livros'.

São os seus olhos de menina que nos relatam terror e amor, afetos e esperanças. Por meio dela tornamos a percorrer momentos e temas fundamentais do grande conflito: desde a 'noite dos cristais' de 1939 até os campos da Polônia e da Rússia, desde a luta pela cultura, até o fanatismo cego de quem se entusiasma para ir à luta.

Não obstante o seu final trágico, a película é um verdadeiro hino à esperança, à cultura, à solidariedade, à amizade.

Uma parábola humanista contra toda barbárie

" O relato costeia um belo desejo de resgatar a escuridão e de sair dela, esboça personagens marcados pelo otimismo e positividade e oferece o

retrato de uma menina ao mesmo tempo graciosa e forte.O filme é para ser utilizado em programações habituais e ocasiões sucessivas, como proposta para adolescentes, também em nível escolar e didático ", sintetiza a CNVF na avaliação pastoral.

O próprio Diretor declara à imprensa: « O romance emocionou-me profundamente: é uma história muito positiva e cheia de esperança. Gostei que o personagem principal fosse uma menina que, mesmo não tendo muita experiência e perspectivas futuras, conseguiu não apenas sobreviver, mas prosperar. (...). Começa a compreender as palavras e o seu poder. Percebe que é possível utilizá-las tanto para o bem como para o mal. Isto lhe permite mudar de vida e realizar escolhas que não teria sido capaz de fazer antes de abrir um livro.

Esta é a chave do seu espírito ».

A trama se desenrola na Alemanha e sua protagonista, Liesel, é uma jovenzinha vivaz e corajosa. Fora confiada pela própria mãe a Hans Hubermann, um bom e gentil pintor, e sua mulher Rosa.

A adolescente, abalada pela morte trágica do irmãozinho e intimidada pelos novos "pais", esforça-se para adaptar-se tanto em casa como na escola, onde os companheiros a provocam por não saber ler. Depois, com grande determinação e com a ajuda do senhor Hubermann conseguirá mudar a sua situação. No decurso de longas noites de insônia o pai adotivo a ensinará a ler o seu primeiro livro, "O manual do coveiro", roubado no funeral do irmão, e daquele momento em diante o amor de Liesel pela leitura se tornará incontrolável. Torna-se importante para ela também, a amizade de Rudy, um companheiro de escola que se enamora dela e, seguindo-a, descobre-a como uma pequena ladra de livros.

Generosos e profundamente humanos os Hubermann decidem esconder também Max no seu porão, um jovem hebreu que escapara dos alemães.

Culto e sensível, é ele quem vai completar a formação de Liesel convidando-a a encontrar as palavras para falar do mundo e de suas manifestações. "Porque, as palavras são vida, alimentam a consciência, abrem o espaço à imaginação, tornam a reclusão suportável"

Entretanto, fora de sua casa, a guerra ameaça e a morte (uma voz fora de alcance que acompanha todo o relato) tem muito a fazer, acolhendo piedosa as vítimas de Hitler e dos seus torturadores, decididos a destruir os homens e seus livros. Com a ascensão do partido nazista, a liberdade de expressão de fato foi ferozmente reprimida e os livros queimados em praça pública. «Ao povo alemão dizia-se em que crer, em que pensar e o que ler – evidencia o Autor – mas apesar destes obstáculos Liesel, tendo aprendido a ler, conquista a capacidade de ser criativa, de pensar com a própria cabeça, de não ir atrás das ideias dos outros».

Eis a mensagem do filme. Com pinceladas delicadas o diretor o esboça graças a um ótimo elenco e a uma coluna sonora que deixa sua marca.

Retrato poético e comovente de uma família que beira a tragédia e que, sem retórica nem ingenuidades nos leva diretamente ao coração. Os verdadeiros horrores passam rentes, acenam, são vislumbrados sempre por meio do olhar, às vezes desencantados, de Liesel, dos seus grandes olhos de menina velados por lágrimas e incredulidades.

PARA REFLETIR

A ideia do filme

Há filmes em que o Livro tem o poder de salvar o homem, como de fato acontece, transmitindo o valor da memória.

É o que sucede e nos ensina o Diário de Anne Frank. « Agradará a quem ama a história de Anne Frank – escreve de fato a crítica –. Também para Liesel o terror e a ameaça de morte combatem-se com a fantasia ».

Markus Zusak inspirou-se nas histórias narradas pelos seus pais quando ainda era menino, na Austrália. «Era como se um pedaço da Europa entrasse em nossa cozinha quando mamãe e papai contavam o que significava crescer entre a Alemanha e a Áustria, falando dos bombardeios de Mônaco e dos prisioneiros que os nazistas faziam desfilar pelas estradas – relata o escritor.

Então, eu não percebia, mas foram estas histórias que me impulsionaram a me tornar escritor. Era uma época de extremo perigo e malvadeza e me tocaram profundamente os inúmeros gestos de humanidade realizados naqueles tempos sombrios – continua Zuzak.

A história de uma ladra de livros fala precisamente disso: da capacidade de encontrar a beleza, também nas situações mais horrendas ».

Um dos pontos centrais da história é que Hitler estava destruindo a mente das pessoas com as palavras, enquanto Liesel se apropriava daquelas mesmas palavras para escrever uma história completamente diferente.

O sonho do filme

Tornar-se uma excelente oportunidade para refletir sobre o valor da literatura como testemunho da própria identidade e da relação com o mundo circunstante.

"A história de uma ladra de livros" é um filme comunicativo, capaz de capturar o espectador e dar-lhe um ensinamento realmente sentido.

De fato, para Brian Percival os livros têm um valor relevante, cultural, informativo: "Juntamente com o cinema, podem veicular conteúdos importantes, fazer-se reservatório dos capítulos da história universal, da formação humana, nutrição do imaginário, sem renunciar a emocionar". Enquanto no plano literário torna central a relação entre a protagonista e a possibilidade de ler e de expressar-se com as palavras, em nível didático, a obra torna-se útil em uma perspectiva histórica para refletir sobre o advento do regime nazista, sobre as políticas culturais restritivas que vetavam certa literatura e certa arte.

Lembra e ensina que, também na Alemanha, existem aqueles que dão mais valor às ideias do que às doutrinas, que escondem hebreus para não esquecer o que é gratidão, que amam e odeiam, assim como em todo o restante do mundo. "No filme existem, em suma, tantos valores positivos que poderia ser realmente considerado como um sereno texto didático sobre a segunda guerra mundial" (Agiscuola).

m.parentaler@fmaitalia.it

O livro

Culpa das estrelas

John Green

John Green, autor do livro *"Culpa das estrelas",* conquistou particularmente o coração dos jovens de modo tal a sugerir que escrevera um romance de amor sabiamente construído com especiais efeitos literários. Certamente é uma comovente história de amor, mas é também um drama existencial de grande inteligência, coragem e profundidade: é a história de dois adolescentes que lutam contra o câncer. Hazel Grace Lancaster e Augustus Waters, dois adolescentes muito diferentes entre si: ela, com 17 anos, pessimista e realista de modo a desarmar, com medo de explodir como uma granada, deixando tristeza no seu pequeno mundo; ele, com 18 anos, com um desejo profundo de viver em plenitude e de deixar um sinal no mundo.

"Culpa das estrelas" assemelha-se a um turbilhão de emoções, é uma história forte, carregada de significados metafóricos e rica de maravilhosas citações e diálogos nos quais o sabor salgado das lágrimas se entrelaça com o fragor das risadas. A voz que narra o livro é a de Hazel, uma adolescente que precisou lutar desde criança contra um mal que avançava continuamente.

Aos dezesseis anos recebeu um milagre: um remédio experimental fez regredir a doença, mesmo tendo de viver continuamente presa a um cilindro de oxigênio, suportando as frequentes crises respiratórias.

Hazel também aprendeu que os milagres têm um preço: enquanto ia ao hospital, para longas internações, o mundo corria veloz, deixando-a para trás, sozinha.

Fechada no seu pequeno mundo, rendida ao câncer, Hezel consegue manter-se à tona.

Não espera por um milagre, porque já havia compreendido que não o obteria, até que Augustus entra em sua vida. Ele perdera uma perna por um câncer nos ossos e vive um pouco melhor, já habituado com a prótese; é tão especial quanto ela. Mas são especiais como todo ser humano. De fato, para todos "o amor é uma doença da qual não se quer sarar", e qual adolescente não ousaria dizer: « Eu me enamorei assim como se adormece: aos poucos e, depois, tudo de uma vez?». Augustus, brilhante companheiro de desventura que fascina com sua sede de vida, de paixão, de alegria, demonstra a Hazel que o mundo não parou: juntos eles ainda podem enfrentá-lo.

Viver, não sobreviver

O entendimento entre os dois é intenso, ambos são leitores apaixonados, gostam de jogar com as palavras, em particular o jovem, que ama as metáforas.

O tumor bloqueou estes jovens e, não obstante tenham amigos sadios, com eles a comunicação é parcial: estes não fazem mais parte daquele mundo no qual o futuro é certeza. Hazel e Augustus devem lutar diariamente pela existência de uma ocasião que os faça ir adiante, para não se deixar abater pelas dolorosas curas, às quais devem submeter-se.

A doença os liga com um vínculo indissolúvel e se transforma em fina ironia, como o cigarro que pende ao lado da boca de Augustus: *"Não te mata, se tu não o acendes. É uma metáfora sabe: coloca a coisa que te mata entre os dentes, mas não lhe dás o poder de realizá-lo".*

Os protagonistas se fazem amar, não se experimenta compaixão por eles, são amados espontaneamente porque têm uma raríssima capacidade de perceber tanto as simples quanto as difíceis realidades da existência. A história dá significado ao tempo, alimenta-o, torna-o tangível: cada batida do coração é um pouco de tempo que se vai; cada minuto que passa é um milagre que se confirma: «Você me deu um *para sempre* nos meus dias contados», declara Hazel a Augustus. O segredo disso não é o fruto típico da adolescência: a doença levou os jovens a experimentarem a dor e lhes ensinou qual é o significado do sofrimento: "A dor precisa ser sentida", ela não muda, mas revela o valor das pessoas. Hezel e Augustus conseguem ir além não porque sejam obrigados a percorrer estradas morro acima, mas simplesmente porque são jovens abertos ao amor. Não sentem pena um do outro.

Não precisam de palavras, porque a dor reduz tudo ao essencial e indica que, para quem a vive, pode-se apenas experimentar viver o minuto sucessivo.

Viver, não sobreviver, a tal ponto que nos faz perceber que também as coisas mais tristes podem transformar-se em tranquilas risadas, superando o natural voltar-se a si mesmo, ao qual conduz a dor.

O que é o verdadeiro amor

"Culpa das estrelas" é uma história que tem a capacidade de explicar de forma despreocupada a realidade clínica ligada ao câncer. Há "angustiantes descrições da dor, da vergonha, da raiva e de fluidos corpóreos de todo tipo", - escreve o New York Times. "Trata-se de uma narrativa sem arco-íris ou flamingos; não há mágicas tempestades de neve de verão". Ao contrário, Hazel deve arrastar uma ampola portátil de oxigênio, e levá-la a todos os lugares para onde vai; e Augustus tem uma prótese na perna.

Certamente, estes detalhes desagradáveis não diminuem o seu romantismo; nas mãos de John Green, o fazem apenas mais comovente. Ele mostra o que é o verdadeiro amor – dois adolescentes que se ajudam e se aceitam reciprocamente por meio das provas físicas e emotivas mais humilhantes – e é muito mais romântico do que cada pôr do sol na praia. Os protagonistas não querem olhares cheios de compaixão que, com frequência, são dirigidos aos doentes: desejam apenas passar o maior tempo possível com as próprias famílias e os próprios amigos.

"Culpa das estrelas" encontra o seu epílogo na afirmação de Hazel: « Como todas as verdadeiras histórias de amor, a nossa morrerá conosco. No fundo, o extraordinário do amor não depende de uma vida perfeita, se existir! ».

emiliadimassimo@libero.it

Música e Teatro

O mundo hip-hop

Mariano Diotto

Hip hop é a palavra mais usada neste momento no mundo dos jovens. Poder-se-ia pensar então que é uma palavra moderna ou tecnológica, mas não é.

O hip hop é um movimento cultural complexo, de mil facetas, que neste momento consegue catalisar um grande público em torno de si.

Nasceu no distante 1973 no Bronx, em Nova York. Na falta de lugares para se reunirem, a estrada se tornou o lugar onde os jovens afaroamericanos se encontravam para dançar, cantar e desenhar. A mídia percebendo este fenômeno nos anos Oitenta e Noventa, o 'desalfandegaram' impondo-o à cultura *mainstream,* gerando um massivo fenômeno comercial e social, revolucionando o mundo da música, da dança, do traje e do design. Cinco são os elementos que distinguem a cultura hip hop.

Primeiro: Master of Cerimonies MC *(Master os Cerimonies)* é o rapper, ou seja, aquele que entretém o público com suas rimas rap. Também pode haver mais *rappers* que disputem em uma *battle* (batalha) onde o escopo é desacreditar as rimas do outro participante, para receber o aplauso dos presentes.

A música hip hop nasce da mistura da música americana com a jamaicana numa base bastante repetitiva em 4/4 onde são contados os problemas e as situações de insatisfação e desconforto. O *rapper,* de fato, não deve ser um cantor exímio porquanto na maioria das vezes o seu canto é um falar ritmado.

Segundo: Djing

Um elemento fundamental no hip hop é o DJ que é o que fornece o ritmo ao *rapper* mediante uma base musical, geralmente eletrônica, onde ele brinca combinando mais trechos musicais ou apontando alguns interlúdios musicais quando o *rapper* toma fôlego.

Terceiro: Writing

A cultura hip hop não consiste apenas na música, mas também na arte e os *writer* fazem parte dela. Os grafites são um modo de etiquetar uma *crew* (turma) ou uma *gang* (gangue), e foram utilizados, sobretudo nos anos Noventa na metropolitana de Nova York, expandindo-se mais tarde aos outros muros da cidade. As imagens primordiais eram nomes e assinaturas realizadas com verniz spray, mas logo se desenvolveram em grandes e elaboradas letras ou rostos, completados com sombreados a fim de parecerem em 3D.

Quarto: B-boying

O B-boying é um estilo de dança que comumente chamam de *break-dance,* mas que hoje se chama *new style* porquanto está ligada à música *house.*

É um estilo de dança que prevê movimentos rápidos e descontínuos um do outro (por isso chama-se *break*) com evoluções acrobáticas de piruetas e saltos.

Quinto: Beatboxing

O Beatboxing é uma técnica vocal que permite reproduzir com a boca as percussões típicas do hip hop. É considerada uma arte verdadeira, precisamente ao criar melodias e *beat.*

O fenômeno

Pode-se compreender bem como a cultura hip hop se tenha difundido tão rapidamente pela América e em todas as partes do mundo. Em cada país os jovens se encontram na rua e cantam, dançam, desenham, falando dos seus problemas e do seu futuro. É o mix perfeito entre música, dança, modo de se vestir e arte. Consegue, portanto incluir todos os participantes de uma "companhia" sem excluir ninguém porquanto até mesmo o mundo feminino tem a sua parte.

É por isso que o hip hop difundiu-se rapidamente e tomou atalhos diferentes nos diversos países do mundo, sublinhando as peculiaridades, tanto na escolha dos temas a serem propostos (contra a pobreza, contra a injustiça, contra os ricos e as multinacionais, contra a guerra) quanto nas melodias musicais propostas.

Neste momento os maiores expoentes (apesar de sentir que não devem ser enquadrados em um gênero bem preciso), são: Eminem, 50 cent, Jay-Z, LMFAO, Aloe Blacc, Black Eyed Peas, Snoop Dogg, Emis Killa, Gué Pequeno, Nesli, Mondo Marcio, Fabri Fibra, Fedez, J-ax.

O mundo dos jovens

É esta a música que fala aos jovens, onde ao lado de um refrão fácil de aprender e cantar apoia-se um rap (muitas vezes também cheio de palavreados e duplos sentidos) que relata o mundo dos jovens com suas possibilidades e incompreensões.

Ao mundo dos adultos cabe a tarefa de decifrar esta linguagem para entender melhor os jovens e suas dificuldades, mas também, suas potencialidades.

m.diotto@iusve.it

Da Mihi Animas:
o nosso modo de crescer juntas

Feliz aniversário, Dom Bosco!

Caras amigas, vocês perceberam que estamos no lindo mês do bicentenário do nascimento de Dom Bosco?

O que vocês estão fazendo para comemorar este aniversário que Deus lhes concede viver em primeira pessoa? Percebo bem o seu silêncio; tomei-as de surpresa, admitam isso...

Mas eu quero apenas relatar-lhes o que pensei fazer para celebrar dignamente o nosso Pai. Decidi confiar nas palavras do Reitor-Mor que, na apresentação da Estreia deste ano, diz claramente que para melhor concretizar o carisma salesiano em nossas vidas devemos sentir em nossas entranhas aquela paixão graças à qual Dom Bosco conseguia encontrar-se com cada jovem.

E então eu disse: « Cara Camilla, encontrar os jovens na sua idade não é a coisa mais simples do mundo, mas a paixão você pode cultivá-la procurando amar aquilo que eles amam! O que há de mais amado pelos jovens do que a tecnologia?».

Dito e feito! Acordo cedo e logo ligo o rádio que me introduz no novo dia com uma bela música que me ajuda a me concentrar; em seguida – como sou um pouco lenta – sintonizo o meu canal preferido e rezo o Terço.

Depois do café subo rápido para o quarto e ligo o computador para saber as notícias on-line: passo em revista diversos jornais e não deixo de visitar também o site do Instituto. Certamente é preciso um pouco de tempo e, quando chega a hora do almoço, apenas terminei de responder ao correio eletrônico.

Na primeira parte da tarde me é conveniente um pequeno descanso e aproveito para exercitar-me em algum dos jogos que meu sobrinho baixou para mim no smartphone, que ganhei no Natal (caso me acontecesse de conversar com algum menino do oratório...); no restante da tarde – enquanto levo adiante algum pequeno trabalho – vejo um pouco de TV, para entender do que as novas gerações gostam realmente; às vezes são programas realmente interessantes e aborrece precisar desligar quando chega a hora das práticas de piedade.

Felizmente tenho um aplicativo no celular que me permite rezar as vésperas, sem precisar descer para a Igreja... Basta apenas um toque na tela!

Dito em confidência, há quem – tendo chegado a noite – não vê a hora de ir para a cama, a fim de um 'merecido' (assim diz) repouso...

Mas o que deveria dizer eu que, quando chego ao quarto, sinto a obrigação moral de ver ao menos um filme?

Oh! bendita tecnologia... é preciso realmente empenhar-se muito para acompanhar o seu passo! Mas, para os jovens, é preciso isto e muito mais!

Palavra de C.

UM CLIMA DE ESPERANÇA FAZ ACREDITAR QUE UM FUTURO ESTÁ ABERTO E NOS ESPERA...

M. YVONNE REUNGOAT